

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis—Semestre, 1\$500 réis Trimestre, 800 réis.

NUMERO 42

SEXTA-FEIRA 22 DE NOVEMBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

AVEIRO

O Rei morreu d'uma infecção paludosa. Não foi receber os miasmas que lhe inocularam a morte, aos innumeráveis pantanos que ha no paiz. O foco miasmático que poz termo aos seus dias, estava junto ao seu palacio.

A imprensa aperta agora o governo para prover os melhoramentos sanitarios do paiz, e requer com razão, que o sentimento publico se converta em zêlo para debelar as causas mortíferas, que originaram a inesperada perda que todos lamentamos.

Este fervor da imprensa pela saude publica depois da morte do Rei, desenha bem o espirito que domina os homens publicos da nossa terra na governação, e dá já uma proveitosa lição ao novo reinado.

Quanta é a superficie do paiz coberta d'aguas estagnadas? De quantos charcos nacionaes podemos fazer alarde? Ha escandalo ante-hygienico com que nós não tenhamos vivido em paz? Se algum excitasse os poderes publicos a attender a estas pequenezas administrativas, se ousasse perturbar as profundas locubrações dos nossos estadistas com requisições tão banaes, era logo tido como espirito mediocre, incapaz de se elevar á altura da politica transcendente.

Temos um conselho de saude — e bom conselho.

Queremos dizer, que esta repartição é composta d'homens illustrados e proprios para o seu officio. E que cousa ha para que nós não tenhamos conselhos especiaes? Multipliquem-nos a arbitrio. Criem tantos quantos são as divisões, e subdivisões da sciencia administrativa. Venha depressa qualquer livro d'administração. Para o caso é preferivel o que tiver mais capitulos. Instituíamos tantos conselhos quantos forem esses capitulos, e dêmos-lhes por denominações as rubricas com que approve ao auctor demarcar o seu trabalho.

Por este modo o paiz ficará bem provido de conselhos, mas as necessidades publicas continuarão a ficar desprovidas de remedio. A experiencia está feita. O da saude não extirpa os pantanos. O da instrução publica não extirpa a ignorancia. O das colonias não extirpa a improducibilidade dellas. E assim por deante.

Arguem logo que estes e semelhantes conselhos são meros auxiliares do governo, e que a sua auctoridade não basta para resolver as questões de administração, nem para dar impulso aos melhoramentos publicos.

É verdade; mas que meio ha para crear acção governativa, discreta, activa e previdente? Respondem; o meio constitucional, sabido, e geralmente practicado. Mudar de ministros.

Em nossa opinião este expediente, é inefficaz.

É preciso mudar alguma cousa mais, e estas mudanças não se fazem com requebros politicos, nem por meio de concertos possaoes, e parcerias ambiciosas.

O que é preciso mudar, e radicalmente, é o senso governativo. Em quanto habitos politicos viciosissimos forem considerados como boa praxe constitucional, em quanto certas ideias gosarem do mais extremado favoritismo entre os homens que andam continuamente em busca do poder, não podemos esperar que o paiz seja governado como são hoje as sociedades cultas.

O nosso grande mal é a corrupção dos espiritos, quer dizer — a falsa apreciação das cousas, a erronea gradação da sua utilidade relativa, e por consequencia o desvio da intelligencia e da actividade politica para as menos importantes e uteis.

A regeneração foi uma melhora n'esta doçca, mas não foi uma cura radical. O doente respirou ar melhor, e deu mostras de convalescência, mas recabiu promptamente. O foco da enfermidade não estava debellado — Reappareceram symptomas mais serios, e agravou-se o antigo padecimento.

Esta curtissima excursão sobre generalidades politicas não tem nenhuma intenção immediata. — Respeitamos de véras o lucto nacional, e partilhamos a dôr do novo Rei. Seria até uma descortezia pôr desde já perante elle e o paiz a questão da governação publica. As nossas observações não passam d'uma critica desapassionada, como se pôde fazer em um livro escripto sem nenhuma pretensão politica, e publicado sem escolha de conjuntura.

Voltemos já ao assumpto.

Ha muitos annos em alguns pontos do reino foram semeados d'arroz muitos terrenos, que sem grandes despesas não podiam ser adoptados a outro emprego agricola. Esta cultura foi-se estendendo ás terras em analogas condições, que havia no paiz, e, pouco e pouco passou mesmo a algumas, que com lucro dos proprietarios tinham já outros uzos de lavoura.

De repente levantou-se um tremendo clamor contra os arrozaes, e não houve molestia que lhes não imputassem. Invejas de localidade, malquerenças pessoais, e rivalidades politicas envolveram este assumpto n'um debate ricocho. Esta richa chegou até ao parlamento e desfechou em memoraveis peripetias. A final a questão foi entregue ao estudo de homens peritos, e tractada com todo o luxo scientifico.

O trabalho dos commissarios do governo, de certo contra a vontade d'elles afincou a opinião publica nos seus erros. A questão da salubridade publica foi consubstanciada na dos arrozaes, e sendo considerada assim tão estreitamente, ficou prejudicada a sua resolução.

Tal era a preocupação publica que, quan-

do se disse que o rei e seu irmão adoeceram de febres paludosas foram logo na opinião geral culpados os arrozaes d'estas enfermidades. Anunciou-se mesmo, não sabemos se para elogio, ou vituperio do governo, que aquella cultura, que havia resistido ás milhares de mortes, que lhe imputavam, ia ser sacrificada á doenca das pessoas reaes.

Agora vê-se que o arrozal, que matou o rei e o infante D. Fernando, foi um lago do seu palacio, e não ha remedio senão reconhecer que ha muitas causas d'insalubridade mais nocivas do que os arrozaes, que os foccos d'infecção entre nós são muitos e de diversas procedencias, que se não pôde salubrisar o paiz sem os extinguir, e que em fim a questão da saude publica tem mais largos ambitos e demanda custosos trabalhos, e finalmente que encurtar os seus limites, esconder as suas relações, diminuir o seu alcance, e desfigurar o seu caracter é enganar o publico, desperdiçar a acção governativa, offender os interesses particulares, e malbaratar algum dinheiro do estado.

A commissão, encarregada d'estudar a questão dos arrozaes, cumprio as instrucções, que lhe deram. Não a mandaram estudar as causas da insalubridade publica, nem propor os meios de as evitar. O mal não está no trabalho da commissão: veio de mais alto. Origina-se do absurdo, que foi elevado a dogma hygienico de que a nossa terra, acabados os arrozaes, se avantajava a todas as outras em predicados sanitarios. A commissão só estudou uma parte minima da questão da salubridade, e tal questão mais particularmente do que qualquer outra, não sendo estudada no seu todo, não pôde ser bem conhecida, nem attendida com medidas adequadas.

Lisboa nas suas construcções de habitação, nos seus canos de limpeza, nos seus arreamentos, nas margens do rio, que a banha, era um acervo de foccos d'infecção adjuntos e sobrepuestos, e as auctoridades de todas as hierarchias davam-se por muito satisfeitas dos mesquinhos melhoramentos, que as camaras municipaes iam rutiñeiramente fazendo, tomando como projectos cerebrinos, todas as obras de maior vulto que se requiriam, não já para o aformoseamento da cidade, mas para a tornar habitavel. Os municipes lisboenses eram da mesma opinião, e não viam cousa a desejar na sua bella cidade. Rebenta a febre amarella, cahem as victimas umas apoz outras, a cidade apavora-se, os poderes publicos angustiam-se, a consternação fez descobrir que os canos não tinham escuante, que havia pantanos mortíferos adjacentes á cidade, e que as casas não tinham as necessarias officinas de limpeza.

As mercadorias, que trouxeram o principio mephitico para Lisboa, parece que trouxeram tambem a instrucção e o cuidado. Foi largo e duradouro o debate sobre as péchas hy-

gienicas de Lisboa, fizeram-se projectos, consignaram-se sommas importantes, e executaram-se melhoramentos mesquinhos. A cidade e os poderes publicos recahiram logo no seu habitual desmazelo, e a cada noticia de que a febre amarella tem tocado alguma povoação europêa renovam-se os sustos, e espera-se que volte para depois de se haver despedido ficarmos a tomar precauções contra ella.

Eis aqui o que nós somos, e como nos governamos. A imprevidencia publica e a imprevidencia dos ministros ambas estão associadas contra o bem commum, e o credito do paiz.

E' substituido um ministerio, e vem outro como o que sahio do poder.

Os assumptos d'administração mais triviaes, os cuidados administrativos mais imperteriveis não fazem parte de nenhum programma governativo. Só alguma grande calamidade desperta a auctoridade publica. O perigo e a dôr fazem-nos sahir por algum tempo da nossa imperturbabilidade, e passadas estas impressões não pensamos mais nas necessidades e deveres d'um povo culto. Chegamos até a reputar-nos invulneraveis, e mofamos de quem julga bom arbitrio prover-se no verão de roupa para o inverno. Velar pela saude publica é um dos principaes deveres de todo o governo, e alem d'um dever é um officio de humanidade.

Não ha intermittençias para o cumprimento nem d'um, nem d'outro. As causas geraes d'insalubridade estão designadas pela sciencia, e as peculiares de cada paiz estudam-se. A hygiene popular é de conveniencia permanente, e é uma vergonha reduzir as questões que lhe dizem respeito a questões de circumstancia. Se as epidemias não desmassem as cidades, se os foccos de infecção poupassem os reis, nem davamos tino dos principios deletorios que consentimos no nosso sólo. A vista accomoda-se com as immundicies, o olfato com os maos cheiros. A esterilidade das terras não nos afflige. Alguns algarismos mais na estatistica mortuaria não os lêmos. Alguma diminuição na vida média não a computamos. Só alguma grande catastrophe, ou pelo numero das victimas, ou pela excellencia dellas, nos acorda.

Tudo empreendemos extemporanea, e superficialmente! As questões complexas ou não as tratamos, ou as separamos e truncamos para favorecer a incuria governativa.

Bradou-se contra os arrozaes porque este brado não lançava sobre o governo grandes encargos. Duas palavras n'uma lei faziam tudo. «E' prohibido semear arroz.»

Pediram-se medidas sanitarias para Lisboa, n'uma povoação que neste ramo tem tanta cousa a crear, e tanta a corrigir, reduzio-se tudo a limpar alguns canos, a fazer poucos novos, e a entulhar uma praia.

Antonino em tempo dêra á sua amante. Ninguém faz idéa dos estranhos pensamentos, que nos occorrem, ao vermos inanimado o corpo da mulher, de quem fomos amante, nem o que se despertou em meu espirito á vista deste vestido convertido em fôrro, e cuja historia fôra toda a historia da defuncta.

Sentei-me aos pés da cama; Bertha sentou-se á cabeceira.

— Ha meia hora, me disse ella, recebi uma carta d'Herminia, em que me supplicava que viesse immediatamente. Vim a correr.

Encontrei-a sobre o leito sorrindo, fazendo ramalhetes e tecendo grinaldas.

— Que me queres? lhe perguntei eu, não suspeitando o que fazia.

— Vou morrer, me disse ella, e antes de morrer, quiz ver-te.

Olhei para ella como se olha para uma douda.

— Ah! espanta-te, continuou ella, que eu te fale assim da morte. E' porque até hoje ainda não viste morrer senão pessoas felizes. A morte, bem o vês, é a felicidade das pessoas, que nunca a tiveram. Eis porque eu sorrio pensando em que vou morrer. A alegria d'Herminia era entrecortada de grandes suspiros; porque, se a alma accetava tão alegremente a morte, a materia revoltava-se contra ella, e luctava com todas as forças da juventude, de modo que no meio do sorriso, o rosto da minha pobre amiga se contrahia de repente, e ella suffocava. Via-se então obrigada a inclinar para traz a cabeça, e suas mãos deixavam escapar as flôres, que segurava.

— Mas tu soffres horrivelmente? lhe disse eu.

— Morta! é impossivel!

E precipitei-me sobre o leito; e, pegando no braço da pobre menina, sacudi-o chamando-a de novo.

O braço estava gelado e o corpo insensivel. O doutor aproximou-se tambem.

— Está morta, me disse elle.

Eu não podia desviar os olhos d'este bello semblante pallido.

— Mas como foi isto? perguntei eu.

— Herminia envenenou-se, senhor. Mandou-me chamar. Ha meia hora que eu aqui estou, ha dez minutos que ella morreu.

— A menina é parenta d'esta pobre rapariga?

— Não, senhor, sou apenas sua amiga.

— A menina Bertha, talvez? perguntei eu.

— Sim, senhor. Conhece-me?

— Herminia fallou-me da menina.

E, mau grado meu, recordei-me dos termos e da intenção, com que a pobre defuncta me fallara de Bertha, a quem eu não esperava ver pela primeira vez em tão dolorosas circumstancias.

— Mas esta rapariga morreu na miseria, tornou o medico; é necessario prover ás despesas do enterro.

E levou a mão ao bolso. Suspendi-o.

— E' a mim que incumbe cuidar d'isso, doutor, lhe disse eu. E' mais que um dever, é uma divida; porque, ai de mim! eu sou talvez um pouco culpado na morte d'esta rapariga.

O doutor sahio prevenindo-nos de que ia fazer a declaração do obito.

— Como se chama, senhor?

— Mauricio.

— Oh! então, fique aqui, tenho muito que lhe dizer.

— E a mim, quem ha de pagar-me? disse a dôna da casa.

— Eu, senhora, lhe respondi.

Conto com isso, senhor, e sahio tambem.

Ficámos junctos, Bertha e eu, ao lado da defuncta. Então, através das lagrimas, que me cahiam dos olhos, pude contemplar esta pobre rapariga. Sofreu muito, murmurou Bertha.

E abraçou ainda uma vez a sua amiga, cujas feições haviam perdido a contracção nervosa da agonia, e illuminavam-se d'uma serenidade angelica. Herminia era mais bella assim do que jamais havia sido. Um ar de alegria no repouso pairava sobre aquella figura impassivel, como se a sua alma pura, solta do corpo, tivesse adejado sobre o seu rosto. Era a mais perfeita expressão da immortalidade, que podia ver-se.

— Herminia falou-lhe acaso em mim antes de morrer, menina? perguntei eu a Bertha.

— Sim, senhor.

Pobre rapariga, accusava-me talvez!

— Oh! muito pelo contrario! e, se o senhor quer, eu vou contar-lhe tudo.

Dizendo isto, Bertha cerrava os olhos da defuncta, e cobria-lhe o rosto com a dobra do lençol. Mas o lençol era muito curto, e tanto, que se via ainda a parte superior da testa e os cabellos da bella menina, o que conservava um lado vivo a esta imagem da morte. Aos pés do leito estava estendido um vestido, que ali tinham posto para conservar o calor á doente. O fôrro d'este vestido era feito do vestido de sêda, que

FOLHETIM

MYSTERIOS

POR

ALEXANDRE DUMAS, FILHO.

(Continuação do n.º 38)

Passáram alguns mezes. Ha dous dias, o acaso conduziu-me á rua, onde eu conhecêra Herminia, e vi ali correndo, acompanhado da gôrda dona da hospedaria, em que ella estava, M. M., nosso acreditado medico, com cujo filho eu tenho estreitas relações. Não sei que presentimento se apoderou de mim, mas corri a traz de M. M., e perguntei-lhe aonde ia assim.

A minha voz, a gôrda mulher voltou-se, e, reconhecendo-me, disse em tom desabrido:

— Jesus! este senhor vaç a casa d'Herminia.

— Herminia está doente? exclamei eu.

— Se está doente? Está a morrer, e eis aqui tudo; e não é cousa divertida para mim, posso affiançar-l'ho.

— Oh! meu Deus! exclamei eu; vamos depressa, é mister salvá-la!

Chegámos todos tres á hospedaria sem termos dicto mais uma só palavra. A chave estava na porta d'Herminia. Eu fui o primeiro que entrei. Uma rapariga ajoelhada chorava junto do leito coberto de flôres, debaixo das quaes repousava Herminia.

— Herminia! exclamei eu; Herminia! A doente não se mecheu; mas a, que cuidava d'ella, ergue a cabeça:

— E' muito tarde, senhores, disse ella; Herminia está morta!

Se alguém tem sincero proposito de resolver as questões da saúde publica diga-o, e não cale os modos e os meios com que intenta fazer esta reforma. Não façam d'uma cousa tão séria mais uma negação politica. Não ha pela Europa nenhuma associação religiosa que se incumba desta caridade. Neste objecto, os alvarás d'admissão não dão nada de si. Não nos podemos ater ao zelo estrangeiro, como, segundo muitos publicistas, é avisado fazer nas questões d'ensino. Aqui todo o trabalho ha de ser nosso, e se nos quizermos esquivar a elle, fica sobre nós o aviltante dilemma do LIMPEZA ou MORTE.

A epocha das eleições municipaes está proxima. Domingo deve ella ter lugar. No concelho d'Aveiro não é disputada aos que se propoem candidatos.

Era talvez uma necessidade escolher cidadãos mais aptos para desempenhar a vereação, mas a escolha devia ser livre e não podia selo; não deviam entrar nella influencias politicas e entram; a auctoridade não devia temer o interesse que os povos tivessem na gerencia municipal e temeu-a; a auctoridade não devia ter deferencias por parcialidades, e menos por individuos, e tem-as; o desengano não chegou ainda a todos, e é conveniente que chegue.

Não é pois para estranhar que a eleição não seja disputada e não deve lançar-se á conta d'indifferença pelos negocios municipaes, o abandono em que se deixa a escolha da vereação.

Aveiro tem-se assignalado em muitas luctas politicas, quer armadas, quer legaes.

Não falta aos seus habitantes energia e dedicação. Não lhe é desairosa esta abstenção.

Entendemos que a eleição municipal devia fazer-se por accordo entre a auctoridade e os cidadãos. Os cidadãos asseguravam-se de que os seus candidatos não encontrariam uma opposição accintosa, e a auctoridade tinha a certeza de que achava um prestavel auxiliar para a boa governação do municipio. Este accordo feito sem prejuizo do direito popular podia ser muito proveitoso, mas o governador civil não está em circumstancias de o promover e propôr. A reconhecida coacção em que vive tolhe-lhe todo o expediente conciliador, e é obrigado por seu fado, a conservar-se isolado das pessoas mais intelligentes, não só da cidade, mas do districto.

Esta isolação continuará, e não nos pertence a nós averiguar se ella convem á boa administração do districto. A eleição municipal a que vae proceder-se radica e perpetua este estado de cousas, feita ella, a separação é completa e irremediavel.

Publicamos em seguida o programma que a opposição municipal de Agueda offerceu aos electores; por elle pode o leitor ajuizar das suas intenções e bons desejos, e da justiça da sua causa.

SRS. ELEITORES DO CONCELHO D'A GUEDA.

O systema de constituir grandes Municipios, e de centralisar suas forças economicas, apoiado pela maior parte dos nossos Estadistas, importa a ideia do aproveitamento dos seus recursos, e economia de suas despesas, para melhorar as suas condições materiaes, e moraes, que se resumem no melhoramento dos seus logradouros, na conservação da saúde publica, no desenvolvimento de sua instrução, e industria agricola.

Este Concelho pela sua situação topographica, cortado pelos rios Vouga, e Agueda, pela estrada principal de Lisboa ao Porto, pela extensão do seu territorio, e sua abundante produção agricola, com os seus 4 mercados mensaes de gados, e muitos generos, e mercadorias, com uma boa praça diaria nesta Villa, tem todos os elementos precisos, para acompanhar os progressos da civilisação, e florescer á custa dos seus proprios recursos.

Mas é preciso aproveitá-los com uma boa

fiscalisação, distribuil-os com severa economia, e empregal-os com verdadeira utilidade.

Uma camara, que procurasse novas fontes de receita por meio de bem intencidos, e combinados impostos indirectos de maneira tal, que nem afectasse o consumo, nem vexasse os cidadãos, nem estorvasse o commercio na sua fiscalisação, e cobrança:

Que aliviasse, quanto fosse possivel, o vinho, quasi unico objecto sobre que actualmente recae o imposto, o qual, pela sua escassa produção, pela necessidade do seu consumo, tem sido elevado a alto preço, inacessivel ás classes menos abastadas:

Que reduzisse a um systema definitivo, e permanente as posturas do Municipio, codificando-as para as tirar do cahos em que existem, ficando assim compiladas n'um corpo ao alcance, e conhecimento de todos:

Que fixasse por uma vez as tarifas das barcas de passagem nos rios do Concelho, dando garantias ao publico do bom serviço da passagem:

Que taxasse definitivamente os ordenados, e gratificações dos empregados da camara, e d'aquelles a quem a lei manda pagar do cofre da mesma, em harmonia com o seu trabalho, e com a sua independencia:

Que determinasse o numero d'estes em conformidade com as necessidades do serviço, e recursos do Municipio:

Que dotasse com a maior somma possivel as obras publicas, a cargo do Concelho, preferindo as mais necessarias, e importantes debaixo d'um bem combinado plano, fiscalizando rigorosamente o serviço dos empregados da Camara, quando as construcções forem por sua conta, e dos empreiteiros, ou arrematantes, quando forem por arrematação, ou empreitada:

Que promovesse pelos meios ao seu alcance o aproveitamento de muitos baldios, que, não prestando utilidade aos visinhos, podiam converter-se um dia em fontes de riqueza pela plantação, ou sementeira de madeiras para construcções:

Que fizesse confeccionar os annaes do Concelho por homens competentes:

Uma Camara enfim que representasse aos Poderes Publicos as verdadeiras necessidades do Municipio, cuja satisfação não está a seu cargo; sobre a canalisação dos rios Vouga, e Agueda; sobre as estradas que o devem ligar com a via ferrea pelo Norte, para Aveiro, e pelo Sul para Oliveira do Bairro, onde deve intestar a estrada de Besteiros, pelo Valle do Trigo, Agadão e Marruge; que pedisse, e instasse pela sua execução, ou pelas subvenções precisas para ella; esta Camara teria comprehendido os seus deveres, e o verdadeiro interesse dos povos, que a elegessem.

Não nos inculcamos como os unicos obreiros, para levar ao cabo esta obra de progresso, e regeneração, mas se tivermos a honra de merecer os votos do Concelho para a Camara do futuro biennio,ahi fica traçado o plano da nossa administração Municipal.

Agueda, 14 de novembro de 1861.

Bacharel — Gonçalo Caldeira Cid Leitão Pinto d'Albuquerque.

Bacharel — Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco.

Bacharel — José Joaquim da Silva Pinho.

Bacharel — José de Mello.

Bacharel — José Simões da Conceição.

Bacharel — Joaquim Pires Soares.

Em seguida transcrevemos na sua integra os dois excellentes artigos, sendo o primeiro da Nação, e o segundo do Portugal.

Descobertos e em pé, graves e tristes, inclinemo-nos diante do saimento real!

Póde passar sem nós essa pompa, porque todas as pompas nos affastam; mas não deve passar sem nós essa dor, porque todas as dores nos chamam!

Com o respeito, damos testemunho de nossos principios, honrando a realeza; com a magua,

mas não nos desentendamos com a minha morte.

— Mas em fim, Herminia, como foste tu levada a fazer o que fizeste?

— E' muito simples; e se queres sabel-o, eu vou dizer-to.

E, erguendo-se um pouco, endireitou o travesseiro, apoiou-se no cotovello, e escolhendo novas flores para fazer um novo ramallete, começou a sua triste narração.

Herminia, pallida e socegada como uma defuncta, e arranjando as suas flores, fallou-me assim:

— Tu sabes que eu nunca tive boa fortuna. Sabes como Antonio me abandonou, como Mauricio me abandonou tambem, e como conheci Antenor. Pois bem, desde esse tempo, tem sido sempre a mesma cousa. Pegaram-me e deixaram-me, como, por fim de contas, deviam fazer, porque eu não valia a pena de alguém se occupar seriamente de mim; eu não tinha nem isso, a que se chama virtude, nem o que se chama amor. Ai de mim! é talvez por não ter amor que eu não tinha virtude. Tambem Deus sabe que á hora da minha morte, não torno aos outros, como não torno a mim, a culpa do que aconteceu. E' uma necessidade da miseria, da corrupção, e sobretudo dos habitos. Se os homens houvessem de affligir-se por causa de raparigas como eu, isso não terminaria nunca. Meus parentes educaram-me, e mandaram-me aprender um officio. Era o que eu devia ter feito, em vez de fazer tolices. Não o fiz, tanto peor para mim!

— Mas teus parentes não sabem que estás doente? interromptu eu.

— Não; eu não quiz mandar-lho dizer. Enfatei-os bastante durante a minha vida; não te-

damos prova de nossos sentimentos, lastimando o infortunio!

Legitimistas e monarchicos, bastava esse cadaver ser de Principe para nos attrahir a veneração; christãos e portuguezes, basta ser o cadaver de um homem, basta ser uma desgraça que fere nossos irmãos, para se nos ir logo o coração nos sympathias da tristeza.

E se ahi caminham para o jazigo os despojos de um triste de um infeliz, apesar de Principe; de um desgraçado, apesar dos faustos da fortuna apparente; de um que todos dizem e que elle proprio se dizia desditoso, como lhe podem faltar no cortejo das lagrimas os que de lagrimas vivem ha tantos annos, os cortejos da desventura, os soldados feis de outro Principe tão infeliz, tão desgraçado, tão desditoso tambem?!

Oh! que ninguém melhor sente as dores alheias do que aquelle que nas suas proprias tem apprendido como ellas doem!

Esperanças ceifadas! ? Sabemos bem o que custam. Nunca houve chão mais alastrado de folhas em mais cruel outomno de vida publica!

Feridas profundas! ? Quantas e quão acerbas, no desterro, no lucto e na miseria! Na miseria, que é alguma coisa ainda mais terrivel e mais negra do que a morte!

Saudades! ? Temol-as gemido longas; comprehendemos por isso como pungem a alma, avallamos como vos devem agora pungir a vossa!

Tomae, pois, para o vosso pranto este tributo que vae molhado com o nosso; com o nosso a que estamos acostumados; com o nosso que vos recordámos aqui, não por memoria inoportuna de agravos, mas só por segurança de que sabemos esquecer e chorar!

Choramos comvosco porque sois hoje infelizes, como nós o temos sido, na orfandade e na ausencia; porque choraeis como nós temos chorado; porque vedes partir para o desterro do tumulo o vosso Principe, como nós temos visto o nosso genero pobre, e caminhar cada dia tambem para o tumulo, no desterro da patria!

Patria! se a este vinculo, já tão poderoso, ainda vem juntar-se o vinculo da dor, porque não havemos nós todos, filhos da mesma terra e alliados por infortunios mutuos, tomar lição d'esses mesmos infortunios?!

Principe que ahi ides descansar em vossa ultima morada; Principe, que symbolisastes para nós uma opinião adversa, mas a quem sempre respeitamos em vida e que hoje deploramos na morte; Principe, a quem aqui cortejamos a jerarchia e as desventuras; Principe, diante de cujo ataúde vimos deitar sincero e solemne pregão de vossas virtudes de homem e dar mostras de nossos sentimentos fraternaes para com aquelles que vos tinham como haste de sua bandeira; Principe, se a vossa morte é uma calamidade para a vossa augusta familia e para uma parte da familia portugueza, embora seja para vós talvez socego e premio; fazei, diante do Altissimo, que tambem seja occasião e motivo de Suas Misericordias; sede o embaixador de nossas supplicas, o advogado de nossas miserias, até tambem como victima d'ellas; e alcançai-nos dos milagres da Piedade Divina que ainda n'esta terra nos veja todos irmãos nas creanças e nos affectos, nos desejos e nas esperanças!

Então, Senhor, os que só hoje pranteiam nas treguas de nossas discordias, hão-de memorar-vos agradecidos nos dias serenos da prosperidade e de paz!

Então, Senhor, do mesmo modo que hoje tendes as orações de todos, podeis e deveis ter de todos as saudades, já consoladas da vossa perda com a fortuna da patria, que tambem assim terá sido, lá do céu, obra e glória vossa, cá na terra!

Os despojos mortaes do senhor D. Pedro V descansam a esta hora no real jazigo de S. Vicente!

D. Pedro, o virtuoso! E' este o epitheto, que já hoje lhe confere a nação inteira, vergada

ao peso de uma dor profunda, e de uma saudade

immorredoura!

A população da capital acompanhou á sua ultima morada o cadaver do seu querido Rei! Era uma scena imponente; uma verdadeira epopéa de angustia!

Grande lição para os reis e povos foi aquella vida tão pura! Exemplo efficacissimo será aquella existencia tão nobre, epilogo magnifico das mais subidas virtudes, e das mais pungentes dores!

Deus medira-lhe o infortunio pela virtude. Respeitemos os insondaveis decretos da Providencia!

Parece ainda um sonho horrivel! Hontem tão moço, tão rico de esperanças e de vida; hoje frio cadaver! Ha pouco, o nosso maior amigo; agora, a nossa maior saudade!

Venerando mancebo! Dera-lhe um sceptro o acaso do nascimento; conquistou-lhe a virtude as benções de um povo inteiro e o respeito da posteridade!

Era digno de ver-se o espectáculo, que hoje presenciemos. Um homem póde chorar; póde chorar uma familia; mas quando chora uma nação inteira, quando é tão fundo e tão unanime o soffrimento, grandissima foi a calamidade!

E' bom este povo, são nobres e generosos os seus instinctos! Grandes podem ainda ser os seus destinos! A propria dor que o afflige, em vez de intibiar-lhe a fé, deve ser-lhe incentivo para largos commettimentos.

Joelho em terra, meus irmãos! Prostrémonos reverentes diante do augusto cenotaphio! D. Pedro, o Rei virtuoso, o nosso amigo, o companheiro dos nossos infortunios, aquelle que todos vimos á cabeceira do moribundo, fortalecendo-o e consolando-o, está neste momento a pedir a Deus por nós! A Deus, que ha de ouvir as suas preces, em compensação da terrivel escala de soffrimentos, que o obrigou a percorrer durante a sua curta peregrinação na terra!

Numa das ruas por onde passou o cortejo funebre, ouvimos a uma mulher do povo as seguintes palavras: — « Deus mandou esta chuva para que as pedras se cobrissem de lucto » — Nobre e poetica phrase, em que se acha compendiada a dor profunda que a todos nos dilacera!!

Que triumpho maior se póde ter na terra? Que louros mais virentes? Que esplendores mais altos? Nunca! Nunca a um cadaver se prestou mais verdadeira e sentida homenagem!

Resignemo-nos. A magestade da nossa angustia foi digna do virtuoso Rei que perdemos, e cuja veneranda memoria será, sem duvida, para o joven Principe, que hoje occupa o throno portuguez, o maior estimulo e o mais fecundo ensinamento!

J. A. de Sant'Anna e Vasconcellos.

PARTE OFFICIAL

Justiça

Despachos que tiverem logar no dia 10 de outubro do corrente anno:

Bacharel Aristides Ribeiro Abranches Castello Branco — transferido como requereu, do logar de juiz de direito da comarca de Lamego para o logar de juiz-presidente do tribunal commercial de primeira instancia da cidade do Porto.

Bacharel Felisberto Antonio de Campos, que era juiz de direito da comarca de Gouveia — nomeado para o logar de juiz de direito da comarca de Lamego, pertencente á primeira classe.

Bacharel Joaquim Augusto de Almeida Teixeira de Queiroz, que era juiz de direito da comarca de Mangualde — nomeado para o logar de juiz de direito da comarca de Gouveia, pertencente á segunda classe.

Bacharel Antonio Fernandes Alves Fortuna, que era juiz de direito da comarca do Peso da Regua — nomeado para o logar de juiz de direito da comarca da ilha do Pico, pertencente á terceira classe.

Bacharel Francisco Maria da Guerra Bordal

Se um dia vires Mauricio, dir-lhe-ás que conservei delle gratas recordações, e que morro agradecendo-lhe o bem que me fez,

— Pobre Herminia!

— Dir-lhe-ás que não quero mal a Antenor. Elle fez o que fazem todos os rapazes. Offereceu-me a entrada no theatro, esta ideia sorriu-me accetei-a com esta franqueza, que era talvez a minha unica virtude. De mais, ha tantas raparigas de theatro destituídas de talento, que nada haveria de admiravel em que eu lá entrasse; e mesmo, se quizessem fazer-me trabalhar, creio que ha certas cousas insignificantes de sentimento e galanteio, que eu não teria recitado mal. Infelizmente esta proposta d'Antenor não passava d'um pretexto para ser meu amante. Levou-me duas ou tres vezes a jantar a uma casa-de-pasto, com alguns amigos seus, e um bello dia não me tornou a apparecer. Fez bem. Fica uma cousa por outra, nós rimos-nos muito algumas vezes juntos. Era tão divertido e tão bom moço! Adeus, pois, theatro. Eu comeei entretanto a descoroçar, porque, dentro em pouco tempo, tinha tido tres esperanças, que todas vi aniquilladas, e isto era já superior ao que eu podia supportar. Abandonada por Antonio, esquecida por Mauricio, enganada por Antenor a quem ninguém obrigava a prometter-me uma cousa, que elle sabia não poder cumprir (porque o mal está em se prometter aquillo que se tem a certeza de que se não cumprirá), resolvi acabar com isto, e deixar-me morrer de fome, quando já não tivesse dinheiro.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

— E o medico que não vem! dizia eu.

— Descansa, tornou ella, elle virá.

— Oh! sim, soffro, disse ella tomando de novo a respiração; mas que tem isso?

Sorria então, e passada a crise, começava os ramalhetes e grinaldas. Este sorriso era tanto mais terrivel, quanto é certo que só a dor podia conseguir fazer rir assim.

— Mas quem te disse que ias morrer?

— Olha, disse ella; e mostrou-me um vidro em que restavam ainda algumas gottas de um liquido esverdinhado. Sabes o que isto é? E' veneno, e eu bebi delle.

— Eu comeei a chorar.

— Vou procurar um medico, exclamei eu, tanto para lhe prestar socorro, como para sahir um instante deste quarto, onde me parecia que abafava.

— Foram procural-o, me disse ella. Fica comigo.

— Porque fizeste isso? exclamei eu.

— Que diabo querias tu que eu fizesse?

E Herminia olhava-me sorrindo sempre.

— Em nome do céu, não rias assim, Herminia, fazes-me medo, e fazes-me mal, lhe disse eu occultando a cabeça no seu travesseiro; eu antes queria ver-te soffrer... Essa alegria é sinistra.

— Vaes ser satisfeita, tornou ella; eis que de novo me accommettem as dores. Ah! não se morre assim sem soffrer.

Herminia pareceu adormecer levemente, pensando a sua mão sobre a minha e voltando a cabeça para o lado da parede; mas era na realidade para me occultar o que soffria.

<

lo — transferido do lugar de juiz de direito da comarca de Alijó, onde completou quatro annos de serviço, para identico lugar na comarca do Peso da Regua.

Bacharel Antonio José Barbosa Junior, que era juiz de direito da comarca de Pombal — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Portalegre, pertencente á primeira classe.

Bacharel Lucas da Trindade Leitão — transferido, como requereu, do lugar de juiz de direito da comarca de Soure, para identico lugar da comarca de Pombal.

Bacharel José Aguiar e Moraes transferido do lugar de juiz de direito da comarca de Loulé, onde completou quatro annos de serviço, para identico lugar da comarca de Soure.

Bacharel João Baptista Gaspar, que era juiz de direito da comarca de Portalegre — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Loulé, pertencente á segunda classe.

Bacharel Antonio Pereira Ferraz, que era juiz de direito da comarca de Marco de Canavezes — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Villa real, pertencente á primeira classe.

Visconde de Gouveia — transferido como requereu, do lugar de juiz de direito da comarca de Villa Real, para identico lugar da segunda vara da comarca do Porto, vago pela promoção do bacharel Cesar Ribeiro Abranches Castello Branco.

Francisco Antonio da Silva Seide — transferido, como requereu, do lugar de juiz de direito da comarca de Odemira, para identico lugar da comarca de Redondo.

Bacharel Heitor Pereira de Barbedo e Sousa, transferido do lugar de juiz de direito da comarca de Almodovar, onde completou quatro annos de serviço, para identico lugar da comarca de Odemira.

Bacharel José Pereira, transferido, como requereu, para o lugar de juiz de direito da comarca de Almodovar, ficando sem effeito a sua anterior transferencia para identico lugar da comarca de Villa Nova da Foscoa.

Bacharel Raymundo Penafort de Oliveira e Almeida, transferido, como requereu, para o lugar de juiz de direito da comarca de Villa Nova de Foscoa, ficando sem effeito a sua anterior nomeação para identico lugar da comarca de Arouca.

Bacharel Francisco Pinto dos Reis Mascarenhas que era juiz de direito na comarca de Louzã, nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Arouca, pertencente á terceira classe.

Bacharel Francisco Germano Leite, que era juiz de direito da comarca de Penafiel, nomeado para o lugar de juiz de direito na comarca da Louzada, pertencente á segunda classe.

Bacharel Joaquim Machado Ferreira Brandão, que era juiz de direito na comarca da Louzada — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Penafiel, pertencente á primeira classe.

Bacharel Guilherme Germano Pinto da Fonseca Telles — transferido do lugar de juiz de direito da comarca de Armamar, onde completou quatro annos de serviço, para identico lugar de Marco de Canavezes.

Bacharel Luiz Guilherme Peres Furtado Galvão, que era juiz de direito na comarca de Figueiró dos Vinhos — nomeado para o lugar de juiz de direito da comarca de Armamar, pertencente á segunda classe.

Doutor Joaquim José da Motta — transferido, como requereu, para o lugar de juiz de direito da comarca de Figueiró dos Vinhos, ficando sem effeito a sua anterior transferencia para identico lugar na comarca de S. João da Pesqueira.

CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

A ELEIÇÃO MUNICIPAL DO CONCELHO DE CANTANHEDE.

Cantanhede 13 de novembro de 1861.
Aproxima-se o dia, em que os cidadãos d'este concelho são chamados a exercer um direito, satisfazendo ao mesmo tempo um dever, que o bemestar e interesse geral a todos impõe. O dia 24 do corrente mez é o destinado para a eleição da vereação, que ha de servir no futuro biennio. O estado actual de Cantanhede com o faccioso *discipulo* de Maldonado, que ahi temos por auctoridade, torna sem duvida importante e assás grave tal acontecimento.

Cidadãos eleitores do concelho de Cantanhede, a escolha, que ides fazer de quem por obrigação devera promover o desenvolvimento material e moral d'este municipio exige a maior circumspecção e cautella!!

Sabemos, que logo depois da ultima eleição de deputados a auctoridade poz em campo todos os elementos, de que dispõe, para vos impôr agora uma lista dos seus poucos mas *modestos devotos*; sabemos, que recentemente foram chamados *às armas* todos os regedores e cabos de policia; sabemos, que o administrador pediu um mez de licença com o unico fim de poder mais descaradamente e impunemente violentar-vos as consciencias; sabemos, que de proposito se tem propalado ahi, que o administrador livra recrutadas, prende e faz soldados a bel-prazer etc. etc. sabemos finalmente, que aquillo mesmo, que faz a sua vergonha vão buscar o seu principal argumento dissendo-vos, que ninguem poderá derrubar o administrador; e que todas as representações, contas etc. etc. serão inúteis e infructiferas!... Não vos leveis por estas promessas, não vos atemoriseis taes ameaças.

Cidadãos eleitores! Acima da auctoridade es-

tá a lei, acima da sua hyocricia está a verdade dos factos, que evidentemente nos tem mostrado já a impotencia, immoralidade e impostura de quem assim pretende illudir-vos! O administrador conserva-se ainda no poder, mas nem por isso pôde dizer infructiferos nossos esforços para se acudir á primeira necessidade d'esta localidade — a substituição de sua s.^a por um homem estranho e desconhecido ás duas parcialidades, que aqui existem — perto de 200 cidadãos d'este concelho representaram esta necessidade ao exm.^o governador civil do districto. O despotismo, ignorancia e parcialidade do sr. Moreira consta de documentos. Sua ex.^a mandou já o illm.^o administrador de Monte-Mór syndicar sobre as accusações feitas ao sr. Moreira, estas accusações todas graves foram bem provadas e algumas até confessadas pelo accusado; hoje resta a vinda aqui de sua ex.^a proprio, e justiça nos será feita. Sua ex.^a, que tanta probidade e imparcialidade tem mostrado n'este negocio, que deu a devida consideração ás nossas queixas, que tanta vontade tem mostrado d'administrar justiça, ha de attender aos nossos clamores, e acudir ás necessidades d'este concelho. Assim o cremos e esperamos.

Coragem pois cidadãos do concelho de Cantanhede, e já que se nos offerece mais uma occasião de bater a immoralidade, a prepotencia e o despotismo, aproveitemo-la com cuidado. Este é o sentimento geral do concelho, bem o sabemos, e por isso folgamos.

A convite de diferentes cavalheiros reuniram-se no dia 11 do corrente os principais proprietarios do concelho para confeccionar a lista, que todos deveriam apoiar na proxima eleição municipal. A auctoridade e os seus *galopins* poseram-se em movimento, o administrador, que estava a banhos, foi chamado a toda a pressa, e na vespera d'aquella reunião percorreu o concelho acompanhado dos demais corifeos com o fim d'obstar a que os convidados comparecessem, por que projectava fazer em seguida outra reunião em opposição áquella. Golaram-se porem os *innocentes* descejos de sua senhoria. A reunião realinou-se: foi concorrida e numerosa, em consequencia do que, parece, desistiram da que projectavam fazer os impotentes adversarios. O desengano foi terrivel e completo, constando-nos ate, que ouseram fazer opposição ás resoluções tomadas n'aquella reunião. Se algum senso lhes resta não tem outra cousa a fazer. Antes uma fugida, que derrota completa; e esta é inquestionavelmente a sorte que os espera, se os usarem oppôr-se á grande força que se acha colligada.

Cautella porém cidadãos eleitores! elles são traidores por natureza, e adquirida a certeza de nada conseguirem com a *cara descoberta*, uma infamia mais, mais uma traição, se virem possibilidade de conseguir o seu fim, não lhes serve d'obstaculo! Para conseguir os seus fins, nunca lhes importou que os meios fossem indecorosos, e eu não creio, que se regenerassem!

Alerta pois, cidadãos eleitores! Ahi tendes o resultado da reunião presidida pelo exm.^o governador dos Fortes de Buarcos e Figueira o sr. Manoel de Magalhães Coutinho um dos melhores proprietarios d'este concelho e composta na sua maioria pelos principais proprietarios e cavalheiros do municipio! Da acta, cuja copia fielmente transcrevemos, vereis a lista apurada n'aquella reunião, e suas ideias são approvadas por muitos outros cavalheiros, que não puderam comparecer. Vedê — ahi tendes sete nomes, cuja respeitabilidade ninguem ousará contestar, e á qual os proprios adversarios nada tendo, que dizer, como tem confessado, só accusam d'algum *mi-guelismo!!! Fortes miseráveis!* Não podendo arrostar a opinião publica, nem resistir á prohibiçã, ao cavalheirismo e á moralidade, que os desampara appellam ainda assim para futildades, para se não desacostumarem de calumniar e difamar, officio que por profissão exercem!

Cidadãos eleitores! ahi tendes uma lista, em que entram os maiores proprietarios e capitalistas do municipio, e toda composta de caracteres independentes e probos! Confronta-a com a opposta, e escolhe entre esta gente, e a que pelo outro lado vos apresentavam marcada no rosto com o signal d'ignominia e infamia aberto a *chicote*, e estigmatizada ha muito pela opinião unanime de todos, que os conhecem.

A' urna cidadãos eleitores, e uma vez mais triumphar á causa de moralidade, uma victoria mais alcançarão os amigos da ordem e socego publico, os zeladores dos interesses e prosperidade d'esta localidade e os defensores dos seus interesses! A' urna! á urna! ahi esperamos mais uma lição aos perturbadores da tranquillidade e felicidade da nossa terra! ahi receberão mais um desgano esses ambiciosos aventureiros, a quem devemos o lamentavel estado d'inquietação, a que temos chegado; mais uma vez será confundida essa cohorte d'*estrangeiros*, que invadio esta localidade pertendendo dominar os filhos predilectos d'ella!...

Sou, sr. redactor, com a maior consideração
De v. etc.

Antonio Pessoa A. da Fonseca.

Acta da reunião de diferentes cidadãos do concelho de Cantanhede a fim de tractar da eleição municipal para o futuro biennio de 1862 a 1863.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1861, aos 11 dias do mez de novembro nesta villa de Cantanhede e casas do cidadão Manoel Pessoa Alves da Fonseca compareceram os abaixo assignados a convite dos cidadãos Manoel Pessoa da Fonseca, da Porcariça, Joaquim da Cruz Freire, de Portunhos, Manoel de Magalhães Coutinho, de Cadima, Eloy da Silveira, e Joaquim Pessoa da Fonseca Junior, de Cantanhede,

com o fim de formar e adoptar uma lista de cidadãos, que a todos parecessem dignos e aptos para bem desempenhar o cargo municipal no biennio futuro, bem como dos meios de fazer triumphar essa lista, que a contento de todos fosse definitivamente assente e approvada.

Reunidos que foram os abaixo assignados, e tomada a presidencia, por aclamação unanime, pelo cidadão Manuel de Magalhães Coutinho, por este foram propostos para secretarios os cidadãos Joaquim José de Sant'Anna, e Antonio Pessoa Alves da Fonseca, os quaes sendo unanimemente approvados, tomaram os seus respectivos lugares.

Constituidos assim regularmente apresentou elle presidente e por mim secretario fez ler uma relação com o nome de todos os individuos que tinham sido convidados para esta reunião, bem como cartas d'alguns d'estes, pedindo desculpa de não comparecerem, e declarando a sua adherencia a tudo que se deliberasse.

Em seguida fez elle presidente algumas considerações ácerca do fim, para que ali nos achavamos reunidos; e concluiu apresentando dois meios de conseguirmos esse fim; ou por escrutinio secreto, ou por aclamação: e, sendo adoptado este ultimo meio como sufficiente e mais prompto, propoz elle presidente uma commissão, encarregada da confecção da lista, composta dos bacharies formados Fernando Afonso d'Almeida Coutinho, e Joaquim Pessoa da Fonseca Junior, e do cidadão Eloy da Silveira.

Esta commissão, sendo unanimemente approvada, passou a organizar a lista, que em seguida apresentou á assembleia, composta dos seguintes cidadãos: — João Monteiro Gil, bacharel formado em direito, Manuel Pessoa da Fonseca, proprietario, Antonio Ignacio Torreira, proprietario, Joaquim da Cruz Freire, proprietario, Francisco Serrão Diniz de Sousa Sampaio, proprietario, Victorino dos Reis Camello, proprietario, Manuel José Pessoa, proprietario; e, no caso de recusa de algum d'estes, Florindo José Frota, proprietario: cuja lista, sem alteração, foi unanimemente approvada, compromettendo-se cada um dos abaixo assignados a empregar da sua parte todos os meios legaes ao seu alcance para a fazer triumphar: ficando a mesa encarregada de fazer scientes d'esta deliberação da assembleia áquelles individuos, que fazem parte da lista apurada, e que se não achavam presentes. — E para constar se fez a presente acta, que a todos vae ser lida por mim Antonio Pessoa Alves da Fonseca, que, como secretario, a escrevi e tambem assigno com todos, que presentes estavam. — O presidente Manuel de Magalhães Coutinho, proprietario. — Os secretarios Joaquim José de Sant'Anna, proprietario, e Antonio Pessoa Alves da Fonseca, bacharel em theologia.

Fernando Afonso d'Almeida Coutinho, bacharel formado em direito — Joaquim Pessoa da Fonseca Junior, bacharel formado em direito — Eloy da Silveira, proprietario — José Correia de Bastos Pina, vigario das Febres — José Maria das Neves Rebello Veloso, bacharel formado em direito — Fernando Antonio de Sá, proprietario — Florindo José Frota, proprietario — Manuel Maria d'Almeida Carrigo, proprietario — João Monteiro Gil, bacharel formado em direito — José Joaquim d'Azevedo, proprietario — Francisco Nogueira de Carvalho, idem — José Afonso da Costa, bacharel formado em theologia — Mathias Mendes Machado, proprietario, negociante — Joaquim Antonio Zuzarte de Freitas, proprietario — José Luiz Torreira de Sá, negociante — José Leitão, proprietario — Manuel de Nossa Senhora Marques, presbytero — Luiz Torreira de Sá, vigario da Porcariça — Alexandre Maria de Souza Cortezão, bacharel formado em direito — Francisco dos Reis Pessoa, arcepreste — Miguel Simões, cirurgião — Manuel Marques Pessoa, prior d'Outil — Manuel Pessoa da Fonseca, proprietario — José Ferreira de Sampaio, idem — João dos Reis Pessoa, idem — Joaquim Pessoa da Fonseca, idem — Joaquim da Cruz Freire, idem — Joaquim Maximo de S. Monteiro, boticario, proprietario — José Francisco das Neves, proprietario — Manuel Joaquim das Neves, idem — Manuel Pessoa Alves da Fonseca, idem — Joaquim Miguel, idem — Carlos Augusto de Magalhães Infante, escrevente — José Francisco Miraldo, cirurgião, proprietario — José Pessoa Alves da Fonseca, proprietario.

NOTICIARIO

Caminho de ferro. — Estão feitas as expropriações desde Cacia até á Quinta da Espera. Hontem começaram os trabalhos perto ao local onde hade ser construida a estação, e affiançam-nos que na proxima semana terão maior desenvolvimento.

Navios de guerra. — (Diz a *Política Liberal*) fundaram antehontem, no Tejo duas corvetas hespanholas *Isabel II* e *Villa de Bilbao*, que vieram de Algeciras em tres dias.

No dia 12 correa, em Madrid, que Lisboa se sublevara; e aquelle governo, reciendo pela vida dos subditos hespanhoes, deu immediatamente ordem para que saissem os dois vasos que ahi estão fundeados.

Cremos que o governo visinho fez o seu dever. Mas o que não podemos deixar de lastimar de veras, é que fossem transmitidas para Madrid noticias tão levianas e desassissadas como as que vimos em algumas folhas de Hespanha.

Custa realmente a acreditar que haja quem, por tal modo, goste de deturpar a verdade, espalhando boatos infundados, que podiam ter serias consequencias. O correspondente que assim foi pôr em sobresalto os nossos visinhos, causando profunda impressão em Madrid com o seu cor-

reio de más novas, não pode deixar de merecer aspera censura por um acto que além de leviano, é maldoso.

Esquadra ingleza. — Diz a *Nação*, que pessoa que deve estar bem informada lhe assegurara constar no ministerio dos negocios estrangeiros que uma esquadra ingleza de 22 vasos vinha estacionar no Tejo.

Coincidencia. — (Do *Comimbricense*) Comparando o rei D. Duarte 1.^o com o Senhor D. Pedro V encontra-se entre elles uma notavel coincidência. — D. Duarte governou Portugal quasi pelo espaço de 6 annos — o Senhor D. Pedro V tambem o governou pouco mais de 6 annos. — D. Duarte viu, durante o seu reinado, o flagello da peste, accometter o reino, e principalmente a capital — e o Senhor D. Pedro V tambem soffreu a peste, que grassou em muitas terras do reino, e com especialidade em Lisboa, onde fez muitos estragos. — D. Duarte morreu com uma grande magoa pelo captiveiro de seu irmão o Infante D. Fernando, que os mouros tinham prisioneiro — e o Senhor D. Pedro V morreu tambem com uma grande magoa pela morte de seu irmão o Infante D. Fernando, a quem poucos dias sobreviveu. — Finalmente D. Duarte foi Principe muito virtuoso e instruido, e porisso mereceu o epitheto de — *Eloquente* — e o Senhor D. Pedro V, tambem foi Principe virtuoso e instruido, e por isso muito bem lhe cabe o epitheto de — *Ilustrado*.

Estes Monarchas eram ambos dignos de melhor sorte, e teriam feito a felicidade de seu povo, se o seu reinado fosse mais duradouro e mais ditoso! Nelles não houve mais que desejar senão melhor fortuna!

Mestres do sr. D. Pedro V. — Os mestres a quem foi incumbida a educação do sr. D. Pedro V, foram os seguintes:

Primeiras letras, sua mãe, a senhora D. Maria II; allemão, o sr. conselheiro Dietz; inglez, o sr. Carlos Milton Gravelei; desenho, o sr. Antonio Manoel de Musica, professor da academia de Bellas-Artes; musica, o sr. Manoel Innocencio dos Santos; dança, o sr. José Zenoglio; gymnastica, o sr. Antonio Hermann Roeder; latim, o sr. Francisco Antonio Martins Basto; grego, o sr. Antonio José Viale; mathematica, o sr. conselheiro Filippe Folque; esgrima, o sr. Henrique Pettit; o subinspector dos estudos foi o sr. Manoel Moreira Coelho, e o aio de sua magestade o sr. visconde da Carreira.

Donativo. — S. M. Imperial a Senhora Duqueza de Bragança deu á Sociedade das Casas d'Asylo da infancia desvalida de Lisboa a quantia de 120,000 rs., por occasião da dolorosa perda que a mesma Augusta Senhora acaba de experimentar no fallecimento de El-Rei o sr. D. Pedro V, de saudosissima memoria.

Monumento de D. Pedro V. — Reuniram-se a direcção, conselho fiscal e commissão installadora da sociedade do palacio de Crystal Portuense, discutindo-se e aprovando-se na reunião a proposta da direcção, para que esta fosse auctorizada a promover na cidade do Porto uma subscrição publica, cujo producto deve ser destinado a um monumento de S. M. El-Rei o senhor D. Pedro V de boa e saudosa memoria, que se levantará no local onde o mesmo augusto senhor inaugurou em 3 de setembro do corrente anno, os trabalhos para a construcção do palacio de Crystal Portuense.

O monumento será uma estatua de marmore, d'aquella illustrado monarcha, sobre um pedestal em que se leia a inscripção:

Os portuenses á memoria do seu chorado monarcha D. PEDRO V.

Para este tributo de reconhecimento portuense, poderão concorrer todos, ainda os mais desfavorecidos da fortuna, porque mesmo as mais insignificantes quantias serão bem accites podendo assim ser de todos sem excepção a homenagem e tributo de gratidão que se deseja prestar ao que foi grande amigo dos portuenses, e o mais desvelado protector da industria portugueza.

A direcção da Sociedade do Palacio de Crystal resolveu pedir a coadjuvação dos commandantes militares, auctoridades locais, chefes e directores de estabelecimentos industriais, etc para que se encarreguem de listas da subscrição; e bem assim decidiu convidar a imprensa a auxiliar o seu louvavel e nobre empenho, abrindo a subscrição nas redacções de todos os jornaes.

Tormenta horrivel. — Uma carta de Roma dá os seguintes pormenores ácerca da horrora tormenta que estallou ha poucos dias sobre aquella metropole.

A tromba d'agua que no dia 29 de outubro se abriu sobre o Vaticano, foi extraordinariamente violenta. Cruzou a cidade de Roma em direcção a nordeste, e em poucos minutos fez grandes estragos. Antes de alcançar o Vaticano havia passado perto da grande e celebre pyramide Cayo, e deitou por terra dois soldados, que estavam de sentinella. No Vaticano a tromba quebrou muitos vidros das habitações de Rafael, e em alguns pontos até arrancou os travessões de madeira, e levou os quicios da porta da escada monumental; tambem quebrou os vidros de côr que ha na escada, que conduz ás habitações do papa. Proximo á Porta Angelica a tromba arrancou arvores e destruiu casas.

Ao anoitecer do mesmo dia sobreveiu um aguaceiro que continuou por toda a noite, e inundou Roma, e fez transbordar o Tibre, de sorte que por espaço de dois dias ficaram inundadas diferentes bairros da cidade. As noticias que se receberam do campo são desconsoladoras. Dizem que em Civita-Vecchia foi abaixo em grande

parte do monte Clemente; e que o mesmo succedeu ao de Treia.

Em consequencia da grande inundação estão interrompidas as communicações entre Roma e a campanha. A agua levou uma ponte entre Nepi e Monterosi, e tambem o de Monte Gorto, perto de Civita-Vecchia.

O caminho de ferro de Civita-Vecchia soffreu muitos prejuizos: os wagons de trem que iam de Civita-Vecchia a Palo no dia 30, poderam passar porém com grande perigo.

Uma diligencia nada diligente. — No dia 19 do corrente sahio d'Ovar com direcção ao Porto uma couza a que dão o nome de diligencia puchada por tres esqueletos de cavallos: a legua e meia de distancia d'aquella cidade cahiu um d'aquelles esqueletos ambulantes, e o carro esteve em risco de tombar e causar desastres aos passageiros. Alguns vendo que os tres denominados cavallos eram insufficientes, entenderam que com os dous que ficavam a puchar não chegariam ao Porto, e lá foram calcante pede até aquella cidade!

Não seria devêr da auctoridade estorvar e mesmo prohibir um semelhante logro ao publico? A tal diligencia gasta 7 e 8 horas ao Porto! Já se vê que tem andar de lesma, e demais acontece que fica um ou dous dos taes inominados animaes no caminho, e lá tem de hir os passageiros a pé, e ás vezes com as bagagens ás costas.

Chamamos a attenção do sr. administrador do concelho d'Ovar para esta diaria burla e se não quizer attentar por isto, fique ao menos o publico prevenido de que é uma peta e um logro, a tal diligencia d'Ovar ao Porto.

Processo. — O exm.^o visconde da Burralha vae chamar aos tribunaes o padre Francisco Marques Pereira do Sardo, em desagravo do que este sr. lhe disse n'umas correspondencias, publicadas no «Campeão das Provincias».

Catastropho. — A lancha, que no dia 19 do corrente, dirigio a rasca Santa Maria, ao entrar na barra desta cidade, foi submergida por uma onda, e apesar de todos os esforços, que se empregaram, foi victima um des remadores, Francisco José Ferreira.

Anarchia — Lavra, ha muito tempo na freguezia de S. João de Loure, deste districto e bispado, e, segundo dizem, o revd.^o João da Rocha de Figueiredo, parcho daquella freguezia, que ora se acha suspenso, com mais alguns sujeitos de máo temperamento da mesma freguezia são o elemento do que alli corre.

Sabemos, que o revd.^o João Francisco das Neves, que fora para alli nomeado parcho em commendado, pedio já a sua demissão, pela discordancia que alli ha.

Pedimos ás auctoridades que ponham termo a este estado de cousas, sindicando sobre o germen da desordem, para ser severamente punido. Ha alli sugeito, que deve á confraria do Santissimo 30\$000 rs. de fatuissins; tem recusado pagar, e, apesar dos esforços da junta de parochia, ainda não houve uma auctoridade, que o obrigasse a pagar!

CORREIO

LISBOA 20 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Houve conselho d'estado no dia 18 do corrente, como lhe annunciiei; e hontem reunio-se o conselho de ministros.

Destes dois actos resultou a convocação das côrtes para o dia 22 do proximo futuro mez, Mais d'uma razão influio no ministerio e no conselho d'estado para tomar aquelle alvitre.

O novo monarcha tem de prestar juramento nas mãos do presidente da camara dos pares, reunidas ambas as camaras, para poder ser aclamado; e são igualmente as côrtes que determinam a dotação do soberano. Foram estas segundo creio, as causas que concorreram para abreviar o adiamento que estava decretado.

Verdade é que não medeia muito tempo entre o dia 22 de dezembro e o dia 2 de janeiro, e que neste curto intervallo apenas haverá occasião para a ratificação do juramento d'el-rei.

Aqui não se falla ainda d'outra cousa se não da morte prematura do sr. D. Pedro V. A dôr é profunda, e a saudade immensa. Embora se espere que o novo rei se não desviará por modo algum dos exemplos que lhe deixou seu infeliz irmão, todos se lembram saudosos do soberano fallecido, cuja circumspecção e espirito liberal são apreçados unanimemente, além das outras virtudes civis e domesticas que tanto o enobreciam.

Falla-se em que haverá mudanças no pessoal d'alguns altos empregados do estado. Affirma-se que o sr. D. Luiz chamará para junto de si os camaristas e ajudantes d'ordens que foram de seu Augusto irmão; consta, entretanto, que o sr. general Silva Costa não continuará, por assim o pedir no exercicio de ajudante de campo, e que o sr. conde da Ponte será substituido no lugar de vedor da casa real.

Diz-se igualmente que o sr. Sergio de Souza capitão de fragata e immediato no commando da corveta *Bartholomeu Dias*, de que era comandante o novo rei, será elevado á dignidade de camarista; dizem outros que tomará entre os ajudantes de campo o lugar que fica vago pela exoneração do sr. Silva Costa.

O sr. Antonio de Sampaio, irmão do visconde da Lanchada, e que já era na corveta *Bartholomeu Dias* ajudante d'ordens do sr. Luiz, continuará no desempenho destas funcções junto d'el-rei.

Tanto ao pago de Belem, como ao das Necessidades tem continuado a affuir muitas pessoas, que vão informar-se da saúde da augusta fami-

lia. A inscripção está patenté para todos os visitantes.

A associação dos empregados do commercio encarregou uma deputação de ir em seu nome dar os pezaços á familia real; a deputação era composta dos membros da mesa, e mais alguns socios que foram convidados para aquelle fim.

O sr. infante D. Augusto passou muito mal no domingo; mas deste dia em diante começou a experimentar melhoras. Continúa, porém, dando ainda serios cuidados, e não é julgado livre de perigo.

A imprensa hespanhola tem procedido por um modo muito digno a respeito de Portugal, nesta dolorosa conjunctura. Os jornalistas hespanhoes são dignos de todo o elogio, e merecedores da nossa gratidão pela parte que tem tomado no nosso desgosto.

Apesar das falsissimas informações que de Lisboa foram enviadas a um banqueiro de Madrid, e d'uma carta publicada na *Correspondencia de Hespanha* que dava auctoridade áquellas informações, todos os outros jornaes daquella cidade duvidaram da exactidão de taes noticias, e suspenderam prudentemente o seu juizo, até que lhes fossem ministradas ulteriores informações.

Agora se sabe no reino visinho é em quasi toda a Europa que similliantes noticias não passaram d'uma calumnia, intentada pelos correspondentes do banqueiro e do jornal madrileno, Deus sabe para que fim.

Nem em Lisboa, nem em ponto algum das provincias houve indicio, sequer, de perturbação e effervescencia popular por causa dos rumores que se espalharam sobre a enfermidade dos principes portuguezes.

Correram boatos, não ha duvida; mas o bom senso publico rebateu-os, e a imprensa, tornando-se orgão da verdadeira opinião, desmentiu-os unanime, e concorreu effizadamente para que cessassem de prompto, evitando-se deste modo qualquer manifestação injusta e perigosa.

Não sabemos a que se deva attribuir uma tão calumniosa mentira. Por honra propria e consideração para com Portugal, nunca duvidámos de que a *Correspondencia d'Hespanha*, melhor informada, rectificaria os factos. Já o fez, como se deprehe do numero daquella folha recebidos no correio d'hontem.

O banqueiro de Madrid e a *Correspondencia de Hespanha* andariam muito avisados se retirassem a sua confiança aos correspondentes que tem em Lisboa, por quem foram enganados com tal imprudencia.

A vinda dos dois navios de guerra hespanhoes para as aguas do Tejo está explicada pelas apprehensões, que naturalmente deviam despertar no governo e no povo hespanhol as falsas noticias que d'aqui foram transmittidas para Madrid.

Alguns regimentos da guarnição desta capital tem assistido ás missas, mandadas dizer pelos seus commandantes por alma do senhor D. Pedro V.

A sociedade de Santa Cecilia tem determinado fazer umas execuções sollemnes na igreja dos Martyres por alma d'El-Rei. Entre os empregados publicos já se está recolhendo uma subscripção para o mesmo fim, sendo, porém, solemnisadas as execuções na igreja de S. Domingos.

S. M. a imperatriz, alguns particulares, alguns estabelecimentos pios, e associações populares já tambem tem suffragado a alma do chorado soberano.

A commissão dos quarenta deliberou hontem addiar para o 1.^o de dezembro de 1862 todos os festejos que estavam indicados para commemorar no 1.^o de dezembro deste anno o anniversario da famosa revolução de 1640.

Foi, em minha opinião, uma determinação muito acertada, e que é justificada por mais de um motivo.

A commissão, além d'uma breve exposição que vae publicar, communicará a todas as demais commissões do reino a resolução que tomou.

Foi muito bem recebido nesta cidade, e tem sido muito elogiado o excellente artigo, publicado pelo *Districto de Aveiro*, sobre a morte do senhor D. Pedro V. E' trabalho que faz honra a quem o escreveu, e ao jornal que o publicou.

A *Revolução* deu hontem as honras de artigo de fundo a uma carta do sr. Antonio Feliciano de Castilho, na qual o seu auctor expõe os motivos que o impossibilitaram de tomar parte no prestito funebre do fallecido Rei.

Sahi hontem a corveta hespanhola *D. Isabel II*. Ficou sómente a fragata *Villa de Bilbao*, que, segundo dizem, não se demorará por muito tempo no Tejo.

Já chegou a Lisboa o sr. Alves Martins, que hoje ou amanhã deve tomar posse do lugar d'enfermeiro mor, para que foi nomeado. Tambem regressou da sua viagem a Coimbra o sr. Eduardo Coelho.

A camara municipal, como lhe havia dito, saiu recleita na sua quasi maioria: Entre os novos eleitos, conta-se o sr. José Izidoro Guedes, que se julga será nomeado presidente. Diz-se que s. ex.^a está muito entusiasmado com esta eleição, e que se propoz a indicar e levar por diante muitos melhoramentos para esta capital. Deus lhe dê boa vontade, e ministre meios á vercação para conseguir tão util proposito.

O marechal Saldanha vae melhor, mas está ainda muito fraco. Ouvi dizer que se não fosse a robustez da sua constituição não teria resistido á enfermidade que o atacou.

Os srs. Carlos Bento e Thyago Horta estão meliores, e já saem. Tambem se acha melhor o sr. conde de Santa Maria.

Alguem reparou que no prestito funebre não figurasse a colonia franceza. Atribue-se a ausen-

cia dos francezes naquelle acto a falta de convite do seu ministro nesta corte.

O jaziço de S. Vicente de Fóra tem estado patente ao publico estes dias. Hontem dirigio-se ali a sociedade do theatro do Gymnasio, e depositou sobre o ataúde d'el-rei D. Pedro V uma coroa de perpetuas, em testemunho de gratidão pela protecção que o finado principe dispensava áquelle theatro.

EXTERIOR

Recebemos jornaes estrangeiros e delles extrahimos os seguinte telegrammas:

Da «Chronica dos dois mundos»;

Pariz 12. — O «Constitutionnel» annuncia como mui proximo um grande acontecimento politico e financeiro, que merecera os unanimes applausos do senado e do corpo legislativo. Fazem-se diversos commentarios ácerca deste mysterioso annuncio.

O «Temps» assegura que Francisco II abandonará dentro em poucos dias Roma, transferindo-se para Veneza.

Julga-se que esta viagem se realizará a pedido da França, e de accordo com o governo de Roma.

Pariz 13. — O imperador Napoleão convocou um conselho de ministros.

A elle assistiram os presidentes das camaras bem como todos os membros do conselho privado.

Ainda se não sabe o fim deste conselho, nem quaes os conselhos que nelle se tomaram.

O «Paiz» assegura que mais de sessenta navios se reunirão nas aguas de Vera-Cruz para se levar a effeito a intervenção.

As esquadras de França e Inglaterra partirão para o Mexico de 15 a 16.

Da «Correspondencia»:

Turin 11. — A cidade de Merino votou um emprestimo de 3.400\$000 francos. Em Ancona inaugurou-se o caminho de ferro romano, e el-rei foi victoriado em todas as estações.

Londres 11. — O governo prussiano pensa em pedir na proxima legislatura novos creditos para o exercicio.

As forças federaes estreitam cada vez mais os separatistas. Quinhentos mil Homens de tropas desenvolvidos desde o Kansas até Hateras fazem retroceder lenta, mas constantemente a insurreiçãõ.

No interior dos estados separatistas terminou a revolução. Augmenta o numero dos voluntarios nos Estados-Unidos, e a resolução geral é não aceitar compromisso, mas sim restabelecer a união.

As eleições são em toda a parte favoraveis á politica do presidente.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 17 de novembro

ENTRADAS

PORTO, Hiate port. Razoilo 1.^o m. J. Razoilo, 8 pessoas de trip. lastro

Em 19

PORTO, Hiate port. Deus Sobre Tudo, m. J. S. Ré, 6 pessoas de trip. carvão de pedra.

IDEM Hiate port. Lealdade, m. M. F. Pinto, 9 pessoas de trip. ferro para a empresa Salamanea

IDEM Hiate port. União, m. J. da Rocha, 8 pessoas de trip. ferro para a empresa Salamanea

IDEM Hiate port. Nova União, m. J. F. Manno, 6 pessoas de trip. ferro para a empresa Salamanea

IDEM Cabique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 5 pessoas de trip. lastro

SAHIDAS EM 19

SUANSEA Hiate port. Tricão d'Aveiro, m. A. J. Serrão, 9 pes, de trip. mineral

PORTO, Hiate port. E' Segredo, m. A. N. Ramizote, 7 pes. de trip. sal

IDEM Hiate port. Conceição Feliz, m. F. de Oliveira, 5 pes, de trip. sal

IDEM Rasca port. Conceição de Aveiro, m. F. de Mattos, 9 pes, de trip. sal

EM 20

PORTO Hiate port. Razoilo 1.^o m. J. Razoilo, 8 pes, de trip. sal

ENTRADAS EM 20

PORTO Rasca port. Victoria, m. L. da Silva, 10 pes, de trip. lastro

IDEM Rasca port. Senhora do Pilar, m. S. da S. Marques, 8 pes, de trip. ferro á empresa Salamanea

IDEM Rasca port. Flor de Aveiro, m. A. J. Deniz, 10 pes, de trip. lastro

IDEM Rasca port. Santa Maria, m. J. J. de Mattos, 8 pes, de trip. lastro

IDEM Rasca port. Moreira, m. L. Henriques, 8 pes, de trip. lastro

IDEM Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 7 pes. de trip. lastro

IDEM Hiate port. Christina, m. J. A. de Pinho, 9 pes. soas de trip. ferro á empresa Salamanea

PORTO Hiate port. S. Vicente Segundo, m. X. X. 7 pes. de trip. ferro á empresa Salamanea

PORTO Bateira port. Olho Vivo, m. D. d'Angelica, 5 pessoas de trip. ferro á empresa Salamanea

ANNUNCIOS

E PUBLICAÇÕES DIVERSAS.

REVISTA AGRONOMICA

Encyclopedia periodica de agricultura nacional e estrangeira.

Publicou-se em brochura de 24 paginas com as gravuras necessarias para a intelligencia do texto. Assigna-se por

2\$000 rs. por anno; 1\$000 rs. por semestre; e 500 rs. por trimestre, — no

Porto, em casa do sr. Oliveira, & C.^a rua de

de Santo Antonio, 49; em Lisboa, nas

lojas dos srs. Silva Junior & C.^a, Praça de D. Pedro, e Lavado, rua Au-

gusta.

Este periodico, occupando-se de todos os assumptos interessando a nossa agricultura, conta já seis annos de existencia. Alem disto está ao alcance de todas as intelligencias do mesmo modo que está ao alcance de todas as bolsas.

As religiosas do real convento de Jesus, desta cidade, convidam todas as pessoas, que quiserem assistir a uma missa que no domingo 24 do corrente tem resolvido fazer celebrar na sua igreja pela alma de sua magestade fidelissima o sr. D. Pedro V, que Deus tenha em sua santa gloria; e bem assim ao responso, que em seguida se ha de cantar.

Antonio Pinto de Carvalho, insinstituidor e sustentador do asylo de infancia desvalida em Oliveira d'Azeimeis, e seus asylados pungidos da mais acerba dôr, gratos e saudosos á memoria de seu Protector El-Rei o Senhor D. Pedro V mandam suffragar sua alma no dia 28 do corrente com sollemnes Execuções na igreja matriz da mesma villa, sendo orador o revm.^o sr. abbade de S. Niculau, e por isso roga a todos os seus amigos e pessoas gratas a memoria de tão bondoso, illustrado, e virtuoso Rei, se dignem concorrer áquelle acto de religião. 18 de nobr.^o 1861.

Pelo cartorio do escrivão Moraes correm editos de 60 dias a citar o reu ausente José, solteiro, filho de José do Julião, da Lomba de Vagos, para fallar aos termos da culpa pelo crime de estupro no processo de querella dada pelo M. P. no juizo ordinario de Vagos, hoje pendente no juizo de direito desta cidade, cujo praso teve principio em 12 do corrente mez de novembro.

A requerimento de Francisco Marques da Costa, de Sarrazola, correm editos por trinta dias, contados de doze do corrente, a citar o ausente Manuel Pereira Antão, do mesmo logar, para dentro de dez dias pagar ou nomear bens á penhora na execução de que é escrivão Moraes.

Ficou transferida para o dia 24 do corrente a arrematação annunciada para o dia 17 de duas casas em Esgueira pertencentes a Manuel José Matheus, na execução que lhe movem João dos Santos Quaresma, e Ludovina Maria, de que é escrivão Leite Ribeiro.

EDITAL

A Junta dos Repartidores da contribuição industrial do concelho desta cidade pelo anno civil de 1861, tendo procedido na repartição das taxas das diferentes classes dos individuos que não compareceram a formar gremio, e a dividir-as entre si—faz saber, que na mesma repartição se acha patente na secretaria da repartição de fazenda deste mesmo concelho por espaço de 5 dias successivos, a começar no dia 22, e findar no dia 26 do corrente, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, a todos os contribuintes que a quizerem examinar, e que poderão dentro do mesmo praso apresentar suas reclamações, quando se convençam de que se acham lesados.

As classes a quem a junta fez a repartição são as seguintes:

Typographos — Armadores d'igrejas — Bufarinheiros com cavalgadura — ditos sem cavalgadura — Caixeiros de balcão — Especuladores de generos — Mercadores de gado cavallar — Ditos de gado suino — Mestres d'embarcações do alto mar, e de cabotagem — Padeiros — Sangradores — Vendedores de lonça de barro ordinaria — Vendedores de peixe — Emprezaes d'acougue, e cortadores.

E para que chegue á noticia de todos se passou o presente e outros d'igual theor, que serão publicados e affixados nos logares do estylo.

Aveiro 20 de novembro de 1861: eu Manuel Ferreira Correia de Sousa, secretario que o subscrevi.

O presidente

M. J. Marques da Silva Tavares.

RESPONSÁVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.